

VISÃO DO CORREIO

Riqueza submersa exige teste da maturidade

A Petrobras confirmou no início da semana a descoberta de petróleo no Poço Morpho, localizado a 175 quilômetros da costa do Amapá, em uma lâmina d’água de quase 3 mil metros, na bacia da Foz do Amazonas. O anúncio vem dias após a estatal ter identificado a presença de hidrocarbonetos no mesmo poço, e transforma o que era um indício promissor na primeira descoberta concreta de óleo na Margem Equatorial brasileira. O resultado confirma o potencial geológico da última grande fronteira exploratória offshore do Brasil e recoloca o país diante de uma de suas maiores encruzilhadas estratégicas. A campanha exploratória consumiu cerca de US\$ 3 bilhões e anos de negociação com o Ibama para viabilizar o licenciamento ambiental. Mas o achado é apenas o marco zero de um processo longo e complexo, que testará a capacidade do Estado brasileiro de separar a técnica da retórica e o planejamento de longo prazo do oportunismo político.

As preocupações com a sensibilidade ambiental da região, especialmente nas proximidades da foz do Rio Amazonas, são legítimas e devem balizar qualquer avanço. O aquecimento global impõe ao planeta uma mudança inescapável no eixo da matriz energética, em direção às fontes renováveis. Contudo, ignorar que a transição levará décadas e que a demanda por derivados de petróleo continuará alta nesse meio-tempo é uma miopia que flerta com a irresponsabilidade. A descarbonização da economia tem um custo trilionário e não será financiada apenas por boas intenções diplomáticas nem será feita com celeridade.

Se o rigoroso crivo do licenciamento ambiental atestar a viabilidade e a segurança da extração, o petróleo da Margem Equatorial deve ser explorado com extrema prudência,

claro, mas com pragmatismo. O Brasil, que construiu excelência incontestável na operação em águas profundas, não tem o luxo de trancar reservas gigantescas no fundo do mar por dogmatismo ecológico. A cautela exigida pelos órgãos de controle tem o dever de proteger a região e mitigar riscos, mas não pode ser instrumentalizada para paralisar por inércia ou ativismo burocrático.

O impacto de renunciar a essa fronteira seria sentido no cotidiano da economia. Sem essa nova fronteira, o Brasil corre o risco concreto de retomar a dependência de importações: os campos do pré-sal, que hoje respondem por mais de 70% da produção nacional, deverão atingir seu pico produtivo ainda nesta década e entrar em declínio a partir de 2030.

A prova empírica desse poder de transformação está logo acima de nossas fronteiras, na vizinha Guiana. Há poucos anos, um dos países mais frágeis da região, a nação tornou-se a economia que mais cresce no mundo após decidir explorar sua fatia geológica da mesma margem. O Brasil tem ali a chance de gerar riqueza estrutural para custear as dores de uma população que ainda convive com estagnação de renda, falta de saneamento básico e deficit crônico de infraestrutura.

O alerta definitivo mora na memória recente do país. Os dividendos de uma eventual produção não podem repetir o roteiro visto no pré-sal, quando royalties foram sistematicamente pulverizados no custeio da máquina pública. O achado de agora é apenas um potencial, e não um cheque em branco. Se o petróleo se confirmar viável, deverá servir como ponte financeira para o futuro energético do Brasil e não como mais uma oportunidade desperdiçada.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Luto nacional

Nossa grande estrela se despediu de nós. Morreu, aos 98 anos, a atriz Laura Cardoso, um dos maiores nomes da televisão brasileira. Uma artista eterna, uma das maiores lendas da atuação, uma carreira grandiosa, uma história que o Brasil jamais se esquecerá. Laura é um verdadeiro ícone da cultura nacional.

» **José Ribamar Pinheiro Filho**
Asa Norte

Democracia

Existem três vícios muito comuns na democracia que poucas sociedades conseguiram dominar. São eles a “demagogia, a inflação e a subversão”. O demagogo alcança o poder subornando o eleitorado. Promete abolir o desemprego e acabar com a fome. O demagogo explora a fraqueza dos desacaturados e a preguiça de muita gente. A maneira do demagogo fazer política é inevitavelmente inflacionária, já que o demagogo promete cumprir exigências que estão fora do alcance dos recursos reais do país. E a subversão, ela que é tal como a demagogia e a inflação ao mesmo tempo, um fator característico e corruptor do processo democrático. A subversão vem sendo a tentativa sistemática de um grupo organizado em destruir a ordem existente na sociedade e desrespeitando a Constituição.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Depressão

Gostei da redação da reportagem Muito além do Cérebro (publicada na página 12 da editoria de Saúde, em 16 de agosto), assinada por Isabela Almeida. Achei interessante a associação entre a depressão — transtorno ligado à mente, porém com repercussão em todo o corpo — e o sistema imunológico, com predisposição genética. Recentemente acompanhamos, pela imprensa televisiva, o caso do famoso dublador Clécio Souto, afastado do trabalho devido a problemas de saúde mental, exemplo que ilustra a seriedade da doença, que acomete parte da população mundial e que, eventualmente, pode ser grave, culminando em fatalidades, sobretudo na ausência de tratamento eficaz. Por derradeiro, nossa vida é permeada por momentos de alegria e de tristeza. Diante do exposto, importante se faz dar prioridade aos primeiros!

» **Nelio S. Machado**
Brasília

Trump

A política externa não pode ser conduzida como espetáculo de bravatas, nem como jogo de intimidação para arrancar vantagem em negociações. Sempre se observa o mesmo padrão: transformar tensão em estratégia, pressão em discurso e ameaça em ferramenta diplomática. Tal atitude é imprudente e representa um risco real para regiões já instáveis. Se Omã atrapalhar, leva bomba; se o Irã não ceder, deve implorar para não ser bombardeado. É assim que se constrói a paz? É desse jeito que Trump quer “ganhar” (ou comprar) o Prêmio Nobel

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Casas Bahia tem rombo de 10 bi e pedido de recuperação judicial. Pensar que minha felicidade era um crediário nas Casas Bahia.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Flávio Bolsonaro, de sunga branca e faixa presidencial, resumiu a campanha: muita exposição, pouca compostura. O aplauso do eleitor completa o retrato.

Jane Ribeiro — Asa Norte

Jaques Wagner ensaia distância, mas a política tem memória e cozinha próprias. Quando Daniel Vercaro entra no cardápio, ninguém acredita que o senador desconheça a receita.

Monica Silva — Asa Sul

A subida do Gama à Série C é o feito mais honesto do futebol candango em anos. Foi conquistada no campo — onde dinheiro, cartolas e espertezas não deveriam decidir o placar. Foi um banho, não lavagem de dinheiro.

José Menezes — Ponte Alta

da Paz? Desta vez, os eleitores americanos se superaram nas urnas. Escolheram o pior presidente da história!

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Telemarketing

Há uns anos, criaram o tal do “Não Perturbe”, uma espécie de site do governo em que o consumidor solicita o bloqueio de ligações de telemarketing em seu celular. Como tudo no Brasil, ainda mais vindo do governo, a medida não funcionou como o esperado. Ou melhor, não funcionou em nada. A verdade é nua e crua: o telemarketing acabou com a telefonia. Chegamos a um ponto em que o telefone toca e ninguém atende mais se não conhece o número. Se for ligação importante de pessoa física, e não de robô, aguardamos uma mensagem no WhatsApp para retornar o contato. E não adianta bloquear ou denunciar como spam: as empresas e operadoras criam e recriam números novos, em uma combinação matemática infinita. Fora o vazamento de dados, de origem sempre desconhecida e difícil ou impossível de se rastrear. É como se a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e o Código de Defesa do Consumidor (CDC) simplesmente não existissem. A quem recorrer?

» **Ricardo Santoro**
Lago Sul



RODRIGO CRAVEIRO
craveiro@gmail.com

Irã, o atoleiro de Trump

Cuidado quando tentarem vender-lhe gato por lebre. Donald Trump caiu nesse ardl, convencido pelo premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, e agora ficou preso no atoleiro. O presidente dos Estados Unidos acreditou que a missão seria fácil: uns poucos bombardeios e o regime teocrático do Irã ruiria como peça de dominó. Trump parecia apostar que, com a eliminação do aiatolá Ali Khamenei, uma multidão sairia às ruas de Teerã e das principais cidades iranianas para apressar a mudança de sistema de governo.

O titular da Casa Branca falhou miseravelmente. Ainda que muitas lideranças tenham sido assassinadas, os EUA não conseguiram o tal levante popular. Não contavam com o patriotismo que move a população do país persa nem com a percepção de que uma agressão à nação termina por unificar povo e governo, não por causar ruptura.

Trump tem mãos atadas. Como diriam em Goiás, meu estado natal, está “no mato sem cachorro”. Desde o início da guerra, em 28 de fevereiro, fez várias ameaças ao Irã e chegou a avisar que destruiria a nação do Oriente Médio. Teve que recuar em todas. Acabou por se transformar no boquirrito, naquele cara que adora contar coisas que ninguém mais acredita.

Com a economia à beira da recessão e com a popularidade em queda, o presidente corre o sério risco de entregar de bandeja aos democratas a maioria no Senado e na Câmara. Sim, porque um fiasco nas eleições de meio de mandato terá sido muito por culpa de Trump.

A Guarda Revolucionária Iraniana,

espinha dorsal do regime dos aiatolás, segue intacta e tem surpreendido os EUA com ataques a bases militares americanas no Oriente Médio. Mesmo com uma adaga no pescoço, o Irã conseguiu desferir um golpe inesperado no Tio Sam: utilizou o Estreito de Ormuz como arma.

É inacreditável que os estrategistas da Casa Branca não tenham pensado na possibilidade de Teerã fechar a via marítima para conturbar o fornecimento de petróleo no mundo. A artimanha de Teerã impôs a Trump o ônus de se tornar o artífice de uma guerra capaz de levar o planeta a uma crise econômica imprevisível.

Nessa segunda-feira, Trump sugeriu aos iranianos que levantassem a “bandeira branca”. Cinismo, mau caratismo, prepotência ou inocência? Ao perceber que entrou em uma “canoa furada”, o republicano parece desesperado para encerrar o conflito e voltar a atenção às mazelas internas e à América Latina, a qual parece considerar o “quintal” de sua casa.

O problema é: como encerrar algo que nem mesmo deveria ter começado? Se declara vitória sobre o Irã, sai desmoralizado e com a pecha de mentiroso. Se simplesmente desmobiliza as suas forças do Oriente Médio e finaliza o conflito, passa a imagem de fraco. Se retoma os ataques ao Irã, corre o risco de dar murro em ponta de faca, acelerar seu desgaste político e desferir golpe de morte nas pretensões eleitorais do Partido Republicano em 3 de novembro. Trump está preso em um atoleiro e ninguém consegue tirá-lo de lá.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ WZ
associação
gráfica

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br